

'Estamos reorganizando o mapa do Brasil'

Presidente, podemos fazer um balanço desse ano, de ruim para começar...

- De ruim, acho que basicamente o fato de termos mais problemas que soluções para muitas questões que são seculares no Brasil, dá uma certa aflição, e, às vezes a incompreensão de questionar porque não resolve. Não resolve não porque não queira, porque não há condições para resolver? Que problemas são esses? O mais famoso é o acesso à terra. Essa é uma questão típica do século 19 que não resolvemos no século 20 e que estou enfrentando, e, pela primeira vez, estamos realmente com muita velocidade nesse processo. Mas, como é natural, as demandas vão sempre mais depressa que as possibilidades e muita confusão se gera em função dessa questão. De ruim também é o fato que o Congresso não aprovou as reformas fundamentais da Administração e da Previdência. E, pior ainda, é o País pensar que as reformas são contra o povo, quando são o contrário, são a favor do povo. Creio que agora, com a crise das polícias militares, que é outra coisa ruim que aconteceu, ficou bem nítido que um dos nossos problemas é que há pouca gente que ganha muito e muita gente que ganha quase nada. Isso não se resolve se não houver a reforma administrativa.

Presidente, uma realidade que parece ter mudado muito no País e pouco dela se fala é que os centros de produção estão se deslocando gradualmente. Por exemplo, soube de uma informação que me surpreendeu: a Coca-Cola denota estar vendendo menos no eixo Rio-São Paulo, porém vendendo muito mais no Norte e Nordeste. Isto é resultado de que tipo de tendência?

- Primeiro, com a distribuição de renda produzida pelo real aumentou o mercado das zonas mais pobres, ou seja, os mais pobres foram os mais beneficiados com o fim da inflação. Segundo, a questão das políticas deliberadas. A indústria automobilística, por exemplo, era toda concentrada em São Paulo e um pouco em Minas. Hoje você vai ter na Bahia, Goiás, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, e por aí vai. Outro ponto: o Brasil estava com preguiça, adormecido. Nós estamos fazendo grandes investimentos no Norte e no Nordeste. No Norte, basicamente no eixo de transporte e energia. No Nordeste também. Tudo que dizia respeito a água foi retomado, algumas obras eram do início do século, estavam paralisadas ou eram inúteis, tinha barragem mas não se distribuía. Só no Ceará existe uma represa chamada Castanhão que está sendo feita, que é três vezes maior que Orós. Então está havendo uma modificação muito grande no que diz respeito a uma política do Governo. O Governo está voltando a investir. Portanto, está havendo uma transformação grande nessas regiões por ação da iniciativa privada, por ação dos governos locais, que muitos deles estão se modernizando e avançando muito, e de uma ação do Governo Federal que está reorganizando o mapa do Brasil em termos de infra-estrutura.

O que é passar três anos dependendo de três quintos dos votos na Câmara. Esse número faz parte de seus pesadelos?

- Faz, porque é um milagre que se tenha aprovado tanta coisa. O Congresso aprovou muita coisa. No dia em que se fizer um balanço do que o Congresso aprovou em três anos, veremos que foi aprovado muita coisa. Não são só as reformas constitucionais que foram muitas, mas leis também de grande importância, como a de concessão dos serviços públicos. Mas o Governo nunca deixou de ter a maioria, a maioria é 257. Quando sai no jornal que o Governo não conseguiu, quer dizer que não conseguiu os 308, e só raramente a gente não consegue em algumas coisas menores. E aí há incompreensões. A toda hora vejo nos jornais e nas conversas de que o Governo está barganhando. Isso é não conhecer a natureza do processo democrático, onde se tem o Congresso, se tem o partido, e no nosso os partidos não controlam o comportamento dos deputados. Então você tem grupos de deputados com interesses legítimos ou não, a maior parte até legítimos, e o Governo tem que levar isso em consideração. Então o que tenho que fazer é ter um rumo e somar forças para que eu vá na direção desse rumo e nesse processo eu tenho que tomar consideração os interesses consti-

ENTREVISTA/FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

O presidente Fernando Henrique Cardoso afirma que o Plano Real e as medidas de política econômica adotadas pelo Governo, aliados aos investimentos privados e de governos estaduais, estão reorganizando o mapa do Brasil, com o aumento do consumo nas regiões mais pobres e o deslocamento de indústrias para outros estados, antes concentradas em São Paulo e Minas. O Presidente argumenta que sua administração tem feito grandes investimentos em transporte e energia no Norte e no Nordeste, além de concluir obras que estavam paralisadas. "Está havendo uma grande transformação nessas regiões, que estão se modernizando e avançando, de modo que está se reorganizando o mapa do Brasil em termos de infra-estrutura", disse

o Presidente, que também aponta melhorias nas áreas de educação e saúde.

Fernando Henrique falou ainda sobre a urgência das reformas administrativa e da Previdência, inclusive como forma de solucionar a crise das PMs, onde os altos salários das patentes mais elevadas impedem, segundo afirmou, a melhoria da situação salarial de cabos e soldados. Em entrevista ao programa "Juca Kfoury", da CNT, Fernando Henrique abordou temas como a reeleição, o uso da máquina governamental e a esquerda brasileira, a quem acusou de ser "a concentração do atraso". Outro tema da entrevista foi a relação do Presidente com o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, como amigo e como membro de uma aliança política nem sempre tão tranqüila.

Fotos: Alan Marques



Fernando Henrique reafirmou que espera regras claras de como os governantes devem se comportar na campanha da reeleição

tuintes existentes. Isso não é barganha. Barganha negativa é quando você faz uma coisa escusa, quando você faz uma nomeação de uma pessoa incompetente, ou para obter um objetivo que não é lícito. Os meus objetivos são os do País, eu luto para obter reformas pelo Brasil. Não estou brigando para obter o meu poder.

Há muita gente boa que acha que o processo que redundou na possibilidade da sua reeleição foi fundamental para o desgaste mais recente do Governo. A esse processo, somam-se casos como a nomeação do ministro Iris Rezende, que não é exatamente um homem identificado com a coisa jurídica. Como é que o senhor explica isso fora de um processo de barganha barata a que o senhor se referiu?

- É exatamente o que eu estava dizendo, é da natureza do processo democrático se levar em consideração e existência dos partidos. Vamos tomar a questão do ministro da Justiça. O ministro Iris Rezende foi candidato à presidência do Senado, com o apoio da esquerda que votou contra o candidato que ganhou, que é o Antônio Carlos Magalhães. Portanto, é um homem que parecia aceitável por todas as forças do Brasil. É um homem que tem uma tradição, foi governador de Goiás, tem uma popularidade imensa no Estado, foi ministro da Agricultura, e sempre teve comportamento de homem público correto. É um homem importante no PMDB e um articulador. Mais ainda: eu queria que fosse um senador, porque é preciso ter um representante mais institucional do Senado e um senador que fosse representativo do PMDB.

O que acontece é que as pessoas, de repente, para fazer oposição ao Governo, pensam as coisas e não vêem quais são as razões. Nesse caso não é barganha no mau sentido, é simplesmente um acordo político.

Quando o ministro Sérgio Motta é tão transparente, com frequência ele se torna inconveniente nesse aspecto de revelar esse tipo de insatisfação?

- Nesse caso, o ministro Motta está simplesmente desinformado. Ele não foi ouvido nessa nomeação. Ele até deu uma declaração que não é verdadeira, de que ele aceitou o argumento de que já que o ministro do Supremo - Sepúlveda Pertence - não aceitaria o cargo de ministro da Justiça, então poderia ser o Iris. Eu não perguntei a ele nada, eu nomeei o ministro Iris. Agora, muitas vezes o ministro Motta, que é um excelente ministro das Comunicações e tem me ajudado muito também na parte política, muitas vezes ele não faz essa barreira entre a conversa que você tem privadamente com a conversa pública, um comentário privado e um comentário público.

No caso ele foi injusto com os ministros do PMDB, provavelmente porque ele gostaria que fossem outros os ministros nomeados. Só que o Presidente da República sou eu.

Sobre quem sempre se diz que perde um amigo mas não perde a piada, vale dizer que com amigos assim o senhor não precisa de inimigos...

- O ministro Motta tem sido muito competente na área dele e tem ajudado

bastante. Um dos problemas que o Governo tem é que não temos uma oposição real, uma oposição que se prepara para uma alternativa de poder e que, portanto, critica as coisas ao nível do que existe como problema efetivo. Nós temos oposição lírica, contra tudo. Quando isso acontece, a oposição se desqualifica como freio do Governo, ela fica girando em falso. Neste momento,

os problemas passam a ser internos. Como ninguém tem um adversário externo, começa-se a dar demasiada importância a questões de percepção entre ministros, se imaginando que há discussões infundáveis entre ministros.

Quando à reeleição...

- Deixa eu responder sobre a reeleição. A reeleição era desejada por todo o País, segundo todas as pesquisas de opinião.

Era considerada fundamental para que houvesse a quantidade de investimentos no Brasil. Os partidos principais apoiavam a tese da reeleição. Quem se opunha à reeleição? Opunha-se o que se chama de esquerda, que na verdade é concentração do atraso, não é esquerda, é esquerda é otimista, é progressista, quer avançar, e esse pessoal não quer nada, é só contra, contra e contra. Existiam outros insatisfeitos dos grandes partidos, o Maluf com o PPB, que se opôs à tese da reeleição porque queria antes e deixou de querer, pois achou que ele devia ter sido contemplado quando era prefeito. Acho até que nesse ponto ele tem razão, eu preferia que tivesse sido feito antes mesmo. Eu disse que eu era favorável à consulta popular. Depois propus formalmente ao PPB, ao Maluf, por intermédio do Amin e do Delfim,

que houvesse a consulta popular e eles não toparam nada. Por que? Porque se houvesse consulta popular a tese da reeleição ganharia. Eu tinha medo de propor, pois a Constituição me proíbe de propor consulta popular ou plebiscito, e com boas razões, senão o presidente fica muito forte e vai direto ao povo e salta os partidos. A reeleição ganhou por 330 votos na primeira vez e 360 na segunda vez, foi

uma ampla margem de votos. Por que eu haveria de comprar alguém? Aliás, não disseram que eu tivesse comprado, e foi uma grande injustiça com o Sérgio Motta. Ele não tinha nada a ver com esse episódio, e, não obstante, por razões também de tentar desmoralizar o Governo passou a ser "verdade" que houve uma compra de votos. Olha o Diário Oficial para ver quem é que foi nomeado. O que tem que ser visto é se alguém foi nomeado.

O senhor não acha que os governos estaduais, principalmente, mas mesmo o Governo Federal demorou um pouco para se dar conta da gravidade da questão das PMs e que isso, de alguma maneira, tem a ver com uma certa antipatia que durante muito tempo a sociedade civil dedicou a quem andava de farda?

- É possível. Esse problema é extremamente delicado e tenho visto nos jornais sugestões de como fazer uma coisa e outra um pouco precipitadas. O Governo federal, na verdade, já tinha uma comissão funcionando quando houve a crise recente das PMs, em função do que acontecera antes: o massacre em Eldorado e o que aconteceu em

Diadema. O que o Governo Federal fez nessa crise? Primeiro, em Minas, coloquei logo à disposição do governador Eduardo Azeredo as tropas do Exército. Fiz a mesma coisa com todos os governadores. No que diz respeito às polícias, acho que há muitos problemas. Eu gostei muito das declarações do governador Tasso Jereissati, em que ele defendeu a Polícia do Ceará, dizendo que não foi a polícia e sim um grupo de agitadores que tomou conta da situação por meio de algumas das associações de cabos e sargentos, que politizaram a questão. Isso significa que temos aí um problema de indisciplina, mas tem que separar o joio do trigo. Por outro lado, temos a questão salarial que é o estopim de tudo isso, e aí volto para a reforma administrativa. O governador de São Paulo, que é um homem competente, que enfrenta problemas e já enfrentou esse problema da polícia, ele conversou comigo recentemente e me disse mais ou menos o seguinte: "A Polícia de São Paulo deve ter 50 coronéis de ativa e 900 da reserva; a de Minas tem trinta e poucos de ativa e 500 na reserva. Por que? Passam pouco tempo no exercício da função vão para a reserva, na reserva são aposentados, ganham mais que na ativa, em geral, então isso dá uma distorção, um gasto enorme. Em São Paulo, a média é de R\$ 11 mil por mês o salário de um coronel, e agora é que um soldado, pela proposta do Mário Covas vai ficar razoável, deve receber por volta de R\$ 900 por mês. Esse é o problema do Brasil, por isso é que quero a reforma administrativa, porque o que está acontecendo de novo são os privilégios, os que tem privilégio, e que são poucos, ganham tanto que impede que se melhore a situação dos muitos que ganham mal.

Para essa vocação que ninguém discute que, de fato, o senhor tem de um autêntico democrata, há momentos em que a vaia, o povo na rua, o sentimento de injustiça abala essa convicção democrática?

- Nem me afeta pessoalmente, porque a gente fica treinado e sabe que é de pequenos grupos organizados que vão lá gritar umas bobagens e faço de conta que não existe aquilo. Na verdade no Brasil está havendo uma confusão. Não tem cabimento quando estou recebendo um presidente estrangeiro e junto dele vai um grupinho como o nome de CUT, PT começar a gritar e até a jogar pedra. Isso é uma falta de respeito a eles próprios, ao Brasil.

O senhor está preparado para uma campanha de reeleição, em que certamente o senhor vai ser acusado de tudo no sentido de uso da máquina, do avião do presidente, do Palácio, do motorista

- Isso é um dos problemas da reeleição, e eu sempre disse que reeleição é muito difícil porque o candidato à reeleição, ao contrário do que as pessoas pensam, parte com uma grande desvantagem porque ele é um alvo fácil. E num país onde as regras não são muito claras, sempre você pode ser acusado de estar transgredindo essas regras. Eu só fiz um pedido àqueles que estão discutindo as regras da reeleição, que coloquem regras claras porque se não forem claras eu e todos os governadores vamos pagar

o preço. Digam o que pode e o que não pode. Ninguém vai ganhar eleição porque vai inaugurar uma obra, ninguém ganha eleição porque usou a máquina, na eleição você tem milhões de pessoas votando, isso é ridículo. O que quero é tirar o protesto dessa gritaria que está sendo preparada de que estou usando a máquina. Se uso o telefone do Palácio para falar

com alguém, já vem a frase: usou a máquina. Eu já ouvi isso em outras ocasiões e vai se repetir novamente. Só que isso não abala o voto, isso é um engano, isso emociona o círculo dos formadores de opinião, dos que lêem a parte da política nos jornais. A população não vai por aí, e sim quer saber se a pessoa encarna um futuro para ela, se vamos fazer alguma coisa concreta para ela, isso é muito curioso. É ilusório pensar que você mexe no comportamento das pessoas, do eleitorado através de tipo de ataque, até pelo contrário, esse ataque desgasta quem o faz, a menos que seja verdadeiro, se eu tiver realmente usando a máquina, mas se for uma bobagem qualquer não ajuda em nada. Dizer que sou ladrão? Quem vai acreditar nisso, pois se eu não sou.

USO DA MÁQUINA



"SE USO O TELEFONE DO PALÁCIO, JÁ VEM A FRASE: USOU A MÁQUINA. SÓ QUE O POVO NÃO VAI POR AÍ"

POLÍCIA MILITAR



"NAS PMs, OS POUÇOS PRIVILEGIADOS GANHAM TANTO QUE IMPEDEM AUMENTOS PARA QUEM GANHA MAL"

REFORMAS



"O QUE TEM DE PIOR É SE PENSAR QUE AS REFORMAS SÃO CONTRA O POVO, QUANDO SÃO A FAVOR DO POVO"